

SIMPÓSIO: AT 157

RELATOS DE VIDA DE UM PROFESSOR RIBEIRNHO DO SÃO JOSÉ DO ANAUÁ-RORAIMA

Doutoranda: COSTA, Maria Clelia Pereira da¹
Universidade São Francisco-USF
cleliasup@gmail.com

Orientadora: Prof^ª. Dra. Marcia Aparecida Amador Mascia

Resumo: Esta pesquisa tem como contexto a região ribeirinha do baixo rio Branco no ex-Território Federal do Rio Branco, atual Estado de Roraima, e tem como proposta apresentar as representações de si e do outro presente em um relato de vida de um professor leigo da escola Isolada José de Alencar, geograficamente localizada na Comunidade de São José do Anauá no baixo rio Branco na década de 1960. Como fundamentação teórica pautamo-nos nos estudos da arquegenealogia de Foucault, particularmente na obra A Vida dos Homens Infames. Do ponto de vista metodológico, este estudo teve como procedimento de levantamento do corpus uma entrevista semiestruturada, realizada em julho de 2015 com o primeiro professor dessa região ribeirinha. Os resultados apontam para as representações de si como um professor sem formação que ao longo da carreira construiu seu próprio material didático com os recursos encontrados na natureza. O outro se constitui em suas falas como sujeitos nômades, extrativistas da floresta e que viam na escola a oportunidade de melhorar as condições da vida miserável que levavam naquele fim de mundo.

Palavras-chave: Representações de si, Discursos, Sujeitos infames, Professor ribeirinho.

Abstract:

This research has as context the riverside region of the lower Rio Branco in the former Federal Territory of Rio Branco, current state of Roraima, and has as its proposal to present the representations of oneself and the other present in a life report of a laic teacher of the isolated school José de Alencar, geographically located in the community of São José do Anauá in the low Rio Branco in the 1960s. As a theoretical basis, we are guided in the studies of the archegenealogy of Foucault, particularly in the work The Life of Infamous Men. From a methodological point of view, this study had as a procedure to survey the corpus a semi-structured interview, held in July 2015 with the first teacher of this riverside region. The results point to the representations of himself as an untrained teacher who throughout his career built his own didactic material with the resources found in nature. The other consists of his speeches as nomadic, extractivist subjects of the forest and who saw in school the opportunity to improve the conditions of the miserable life that they carried in that end of the world.

Keywords: Representations of the self, Discourses, Infamous Subjects, Riverside Region Professor.

¹-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação-Universidade São Francisco-USF-Campus Itatiba-São Paulo. Mestre em Educação-USF- São Paulo 2016.

Apoio financeiro: CAPES/PROSUC

Introdução

Este trabalho faz parte de um recorte da pesquisa de doutorado em andamento e visa investigar a história de vida e as representações de si e do outro de um professor leigo que atuou na “Escola Isolada José de Alencar” instituída na Comunidade da Ilha do Catrimani na região do baixo rio Branco, no atual estado de Roraima.

O *corpus* principal desse artigo é composto de uma entrevista realizada com o professor Paulo Lopes da Silva. Como fundamentação teórica pautamo-nos nos estudos da arqueogenealogia de Foucault, particularmente na obra: A Vida dos Homens Infames.

A seguir, fazemos uma apresentação da obra de Foucault que inspirou o trabalho, A Vida dos Homens Infames e, na sequência, passamos à análise, seguida das considerações finais.

1.1 Os infames à luz foucaultiana

Ao problematizar a questão dos infames, Michel Foucault (2003) fornece imagens vivas e históricas ao leitor por meio dos arquivos que encontrou, ou seja, os manuscritos, documentos importantes que contavam as formas cruéis de como alguns seres humanos foram excluídos da história, por diversas maneiras. O autor buscou mostrar o silêncio daqueles que foram vencidos sem deixar marcas, nem mesmo relatos de suas vidas desvalidas que revelasse seu valor social de líder, trabalhador, mártir, mas, de um ser humano totalmente esquecido apagado da história local.

Nesse limiar das incertezas, Foucault explicita o valor de busca e o poder que permeava as vidas infames de sua pesquisa, o qual se pode comparar aos sujeitos rio-branquenses e suas realidades vividas numa escuridão social:

Para que alguma coisa delas chegue até nós, foi preciso, no entanto, que um feixe de luz, ao menos por um instante, viesse iluminá-las. Luz que vem de outro lugar. O que as arranca da noite em que elas teriam podido, e talvez sempre devido, permanecer é o encontro com o poder: sem esse choque, nenhuma palavra, sem dúvida, estaria mais ali para lembrar seu fugidio trajeto. O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso nos restam; seja por se ter querido dirigir a ele para

denunciar, queixar-se, solicitar, suplicar, seja por ele ter querido intervir e tenha, em poucas palavras, julgado e decidido (FOUCAULT, 2003, p.206).

Os personagens desse artigo nunca foram lembrados por seus trabalhos de letramento de experiências, letramento profissional, suas vidas não apresentam nenhum significado na história do lugar, não parecem importantes no quadro das celebridades do baixo rio Branco, mesmo que tenham praticado algo notório em suas vidas. Assim como Foucault (2003) dedicou-se a escrever a história dos sujeitos infames, esquecidos e apagados pela história francesa, este artigo também traz a história daquele professor esquecido da história da educação roraimense, e seus relatos de vida também partem dos conceitos no campo da história de vidas que Foucault, (2008, p.21) explicita com propriedade ao abordar o valor da história:

A história será "efetiva" na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser. Ela dividirá nossos sentimentos; dramatizará nossos instintos; multiplicará nosso corpo e o oporá a si mesmo. Ela não deixará nada abaixo de si que teria a tranquilidade asseguradora da vida ou da natureza; ela não se deixará levar por nenhuma obstinação muda em direção a um fim milenar.

Essa caminhada pelo desconhecido revela o silêncio, os costumes dos ribeirinhos de uma vida nômade, sua linguagem, forma de trabalho, do extrativismo da seringueira, aliado aos costumes dos homens que buscaram na terra seu sustento por direito de pertencimento e ao direito de sobreviver em outros territórios. Isso pode ser comparada a uma "densa caminhada na escuridão", sem rumo, correndo risco de perder sua identidade, sobretudo a esperança na posse da terra, a escola, o cuidado de si e do outro, no sentido de sobrevivência de um professor no cuidado de tantas vidas ínfimas.

1. 2 Uma porta aberta para um encontro esperado

Foi numa sucessão de passos que encontrei daquele homem que ouvi falar quando pesquisava para a dissertação de mestrado em 2014, por meio dos participantes da pesquisa, dentre eles Francisca das Chagas, que deitou e rolou nas informações que apontavam para os feitos daquele pequeno homem, que carregava em seu semblante um carisma contagiante. Um sujeito que posicionava os pés nos

quatro cantos do baixo rio Branco para atender as comunidades que precisavam de escola, medicamento, correspondência, reforço escolar; sem dúvida, foi sua generosidade de líder infame de um coração selvagem, mas feito de carne e criatividade que despertou o trabalho de um homem importante para a comunidade de São José do Anauá. Seu nome de guerra Professor Paulinho².

Laymerie, amigo do Professor Paulino, concedeu-me o endereço Rua Cerejo Cruz nº 554, Bairro São Vicente- Boa Vista – RR. Imediatamente encontrei o endereço e numa tarde ensolarada fui bem recebida por Vânia uma de suas filhas que tratou de agendar um encontro com o pai para oito de julho de 2015, às 16 horas em sua residência. Seria impossível atender-me naquele momento, tendo em vista sua frágil saúde suas atividades eram limitadas.

É como parte do discurso dos homens infames, que passamos a conhecer Paulo Lopes da Silva, nascido em 25/01/1933 em São José do Anauá e falecido em 11/01/2017 em Boa Vista, era filho de Maria Fulgência Lopes e Fortunato Rodrigues, sua mãe faleceu na terra natal São José, e não relatou as causas da morte. Paulinho era o filho mais velho do casal, havia outro irmão biológico e seis irmãos adotivos. Após a morte da mãe a quem ele se refere com carinho, Paulinho e seus irmãos foram acolhidos pela tia Francisca Mitosa dos Santos, assim teve início uma longa jornada de cinzas, fogo, rejeição, uma sequência de emoções, sentimentos que tornou sua adolescência um desafio para sua nova família, para a escola e para si mesmo.

Torcendo as mãos disse seu nome completo, origem, sonhos, tempo de trabalho na educação. De pronto Paulinho já falou das dificuldades para se locomover em função, não somente da paralisia que sofrera na infância, mas, sobretudo pelas sequelas deixadas pelo infarto do miocárdio. Assim, as verdades foram surgindo, numa linguagem própria dos roraimenses, sem auxílio de terceiros. Embora fosse cadeirante, isso não ofuscou o brilho de seus olhos, o sorriso maroto e uma mente notável, um intelectual do presente com traços do passado, como diria Foucault (2003).

² -Apelido que recebeu desde criança por sua estatura mediana, e andar manco, sequelas deixadas pela paralisia infantil em sua perna esquerda.

Aos 14 anos de idade, Paulinho ingressou no ensino primário em 1947, quando teve o privilégio de estudar nas melhores escolas públicas do ex-Território do Rio Branco. Segundo Paulinho, seu aproveitamento escolar sempre foi razoável, nunca foi considerado um aluno exemplar, isso comparado aos colegas, irmãos e primos que se esmeravam em compreender os conteúdos, respeitar os mestres e se comportavam com interesses dobrados. Paulinho sentia na pele o peso da responsabilidade de aprender outros modos de convivência, de trabalho, sem deixar de pensar nos conselhos de sua mãe para não desprezar o conhecimento, a obediência e a verdade. Paulinho se esmera em sua apresentação e confessou:

Bem eu nasci em Roraima, sou rio-branquense [Clelia-pensei que fosse maranhense - desculpe interromper sua fala] nasci exatamente em São José do Anauá o lugar que fui convidado após concluir os estudos primários para trabalhar como professor Auxiliar na escola da minha comunidade em 1959, "A Escolinha Isolada de tudo". A gente queria que ela se chamasse Escola São José do Anauá em homenagem ao padroeiro daquela comunidade. Mas o nome foi em homenagem ao grande escritor cearense José de Alencar, penso que por decisão do governo da época que era linha dura, quando dizia eu faço, já estava feito (08/07/2015).

Segundo professor Paulinho, os trabalhos iniciaram em março de 1959, quando fez o levantamento dos alunos ribeirinhos para começar a trabalhar em 1960 com uma turma de classe multisseriada, formada por quinze alunos, incluindo primos que residiam naquela comunidade e trabalhavam como coletores de castanhas, seringueira, juta, sorva e balata. Pausadamente professor Paulinho vai dando respostas interessantes uma atrás da outra.

Nunca pensei que fosse um dia convidado pessoalmente pelo Secretário de Educação do Território, para iniciar minha carreira de professor, justamente na comunidade em que nasci (sorri). Talvez por ser caboclo pudesse ter facilidade de adaptação ao isolamento sem preferência pelo luxo, vícios, ou as coisas que a cidade oferece. Não sei se pelo destino ou pela necessidade de contribuir com o ensino aprendizagem daquela comunidade que estava à espera de quem tivesse interesse em abraçar o ensino primário de seus filhos. [...] Tanto eram as dificuldades, a pobreza, que parecia que aquelas pessoas não eram seres humanos, pois sempre havia desculpas para os professores permanecerem ali. Também não tinha incentivo nenhum o salário era o mesmo dos outros lugares [...] Na verdade eu fui muito feliz ali, onde geralmente ninguém queria morar naquele lugar. Eu quase não saía de lá (08/07/2015).

Em cada tempo existem os terrores, os gigantes que temos de enfrentar na vida. E desse modo, os pormenores apresentados nos discursos de Paulinho indicaram fatos do seu universo familiar, social, político e cultural.

Ao lembrar o passado de educador infame, Paulinho se orgulha de tudo que fez pelo outro:

[...] Meu dever como educador era estimular os alunos, os pais e mães a fazer novas descobertas sobre o valor de aprender a leitura, os cálculos matemáticos, o respeito, a moral e não sentir orgulho por possuir um pedaço de terra sem saber trabalhar para seu próprio sustento. Acho que por ser filho da terra e estar acostumado com o pouco, foi um privilégio trabalhar ali e dividir o pouco que tinham de saber com aqueles que não possuíam esse conhecimento formal, e precisavam dele e de outros elementos como: (medicamento, roupa, alimento, amizade e respeito) (08/07/2017).

Ao fazer um balanço de sua vida, Professor Paulinho relatou com minúcias a paixão por sua aluna da 4ª série, estudante da escolinha, o tempo de permanência e os interesses do ponto de vista político, econômico e social que levaram esse jovem à função de professor numa comunidade tão isolada de Roraima:

Nesse tempo ainda era solteiro. Em sala de aula conheci minha esposa e logo me apaixonei. Então separei dos demais alunos e conversei com os pais dela que permitiram o namoro. Professora ela era uma moça bela, recatada, de boa conduta. Logo fiquei de olho naqueles cabelos, depois tudo dela era fascinante. Não deu para esperar. Disse para ela. Me apaixonei por você. Te amo e quero casar contigo menina. Quero ser feliz junto de você até a morte. Tenho meu coração para ti dar e entregar todo meu amor. Sei que pareço velho, sou aleijado, sei que nossa vida não será um jardim sem espinhos. Não sou perfeito mais acredito na força do amor, pois vi meus pais ficarem casados até morrerem. Casamos ela tinha quinze anos tivemos oito filhos e vivemos por mais de quarenta e nove anos até sua morte em 2009 (08/07/20150).

Naquela região, os jovens(as) casam muito cedo, é a cultura dos ribeirinhos, as relações sociais não oferecem oportunidades para os jovens, somente a cachaça, o jogo de futebol, o baralho, o dominó, a música, anedotas, quebra de braço, o compartilhar dos sonhos, o tomar de umas e outras doses de “biritas” tentando aquecer o corpo para vencer os desafios da solidão, o trabalho árduo na roça, da pescaria, do corte da seringueira, o defumar do látex na construção do sernambi e finalmente a borracha, o produto de grande riqueza do nosso país e de maior trabalho

escravo que já se viu. “[...] as festas em comemoração aos padroeiros dos lugares eram as diversões esperada o ano inteiro”. Paulinho confere esse tempo, vendo seu sonho de casar, e mesmo os poucos recursos financeiros não foram empecilhos para viver um cenário de felicidade esperada pelos jovens (o casamento).

Em relação ao material didático, Paulinho nos conta:

O material didático, pedagógico a maioria eu fazia com os alunos, era farto de matéria prima, então a gente fazia de tudo (livro para leitura, textos com os animais e árvores, peixes, os rios...). Tudo era desenhado, pintado e usado pelos meninos e meninas.

Em relação àquelas vidas, citamos Foucault, (2003, p.14):

Eu quis que se tratasse sempre de existências reais; que se pudessem dar-lhes um lugar e uma data; que por trás desses nomes que não dizem mais nada, por trás dessas palavras rápidas e que bem podem ser na maioria das vezes, falsas, mentirosas, injustas, exageradas, houvesse homens que viveram e estão mortos, sofrimentos, malvezas, ciúmes, vociferações.

Desse ponto de vista, sob a ótica dessas vidas apagadas, professor Paulinho se configura como instrumento reflexivo, o ponto da virada, o condutor do alinhavo nessa investigação, uma vida de infame e pelos infames.

Considerações inacabadas

O discurso aqui expõe os traços essenciais e o modo de vida do professor Paulinho, numa relação entre sua profissão e os infames de São José do Anauá. Infames no sentido de viver uma vida difícil, sem fama, sem reconhecimento por tudo que realizaram na região em favor das comunidades ribeirinhas.

Professor Paulinho mostrou que a vida dos homens infames são realidades que não circulam somente nos salões dos palácios, nos auditórios das universidades, nas câmaras dos deputados, no sanado, mas, aconteci em diferentes lugares nos teatros da vida cotidiano na Amazônia roraimense.

Professor Paulinho nos permitiu compreender como aquele cenário das vidas infames de (Paulinho, seus alunos, os caboclos em geral daquela região) foram produzidos nesse meio Amazônico, evidenciando por meio das conversas entre as

famílias quando relatavam a importância de suas vidas, ao se reunir à noite frente à lamparina para contar os “causos”, acontecimentos do cotidiano a respeito da caçada, da pescaria, das tarefas escolares, da farinhada, da coleta dos frutos (açaí, buriti, o patoá, a castanha a juta etc.), atividades ricas que convinham às comunidades que não dispunham de espaço de lazer, somente o campo de futebol, as missas, os cultos religiosos e as bodegas nas quais os homens infames afogavam suas mágoas, tristezas, cansaço, na esperança de novas oportunidades para vencer as turbulências do seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. (2003) *A vida dos homens infames*. In:- *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.1-15.

_____. *A arqueologia do saber*. tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: ed. Forense Universitária, 2008. (Campo Teórico).

CORPUS:

Paulo Lopes da Silva, nascido aos 25.01.1933. Endereço: Rua: Cerejo Cruz nº554- Bairro São Vicente Boa Vista – RR. Nacionalidade brasileira, viúvo natural de São José do Anauá- RR. Profissão Professor Auxiliar da União. Entrevistado em sua residência no dia 08 de julho de 2015 das 16hs às 18hs.